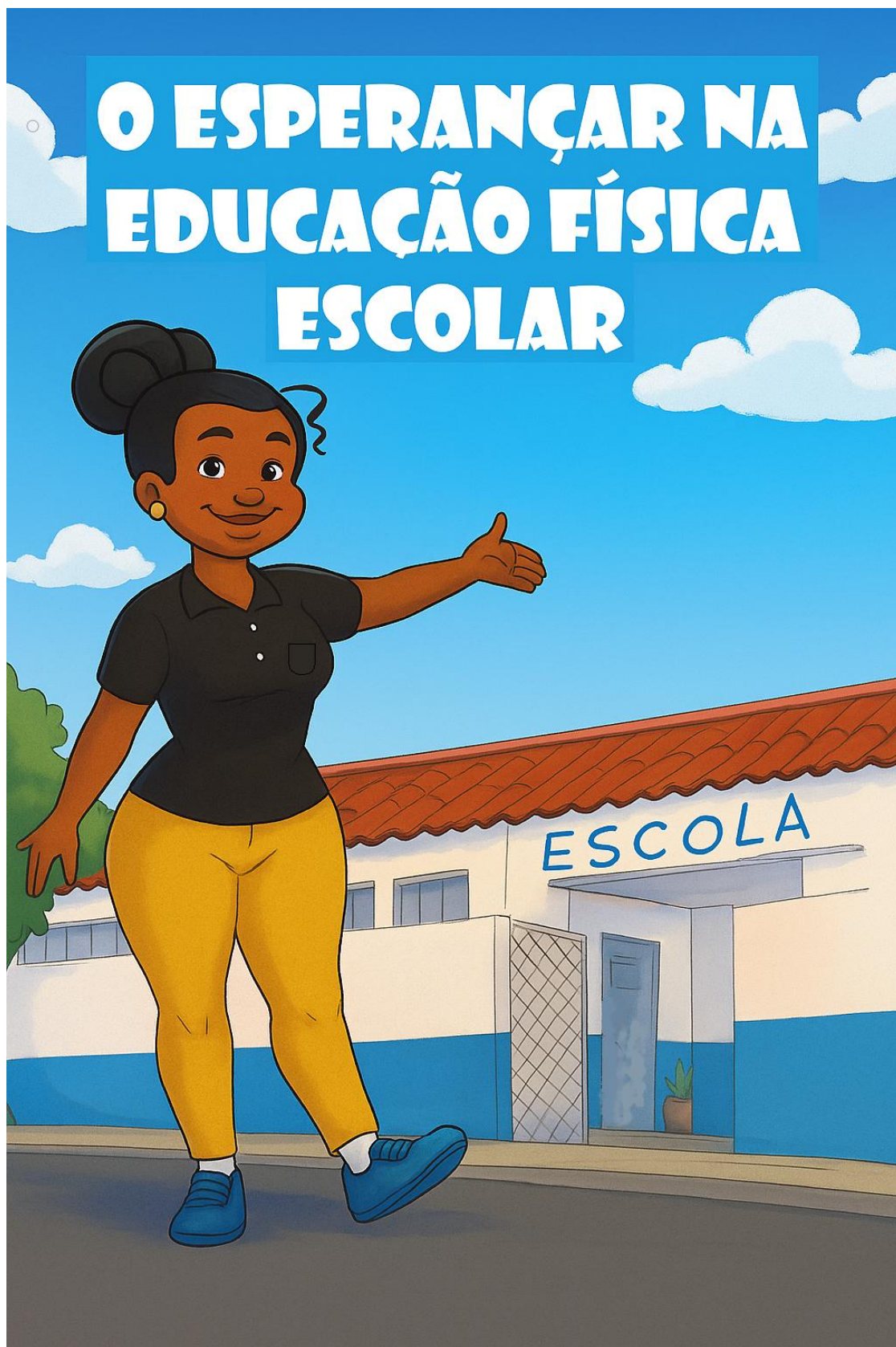


**HISTÓRIA EM QUADRINHO COMO PROPOSTA
DE RESSIGNIFICAÇÃO DO PAPEL SOCIAL DA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**





UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES
Câmpus do Pici - Fortaleza – Ceará

O ESPERANÇAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

REALIZAÇÃO

EXECUÇÃO

LUIZ EMANOEL CAMPELO DE SOUSA

SUPERVISÃO GERAL

WILLIAN LAZARETTI DA CONCEIÇÃO

ILUSTRAÇÕES

RONALDO ADRIANO DA SILVA

FORTALEZA – CEARÁ
2025



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Biblioteca Central do Campus do Pici Prof. Francisco José de Abreu Matos

S697c

Sousa, Luiz Emanuel Campelo de.

História em quadrinho como proposta de ressignificação do papel social da educação física escolar / Luiz Emanuel Campelo de Sousa. – 2025.

37 f. : il. color.

Produto Educacional (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação Física e Esportes, Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional, Fortaleza, 2026.
Orientação: Prof. Dr. Willian Lazaretti da Conceição.

1. Histórias em quadrinhos na educação. 2. Educação física – Aspectos sociais. 3. Educação física para crianças. I. Título.

CDD 790

Sumário

Apresentação	6
Narrativa	9
Roteiro	14
Quadrinho	21
Referências	22

APRESENTAÇÃO

O processo de construção do produto educacional da pesquisa foi marcado por uma reflexão crítica contínua sobre a melhor forma de promover o diálogo acerca das concepções de Educação Física escolar entre os diferentes sujeitos da comunidade educativa. Inicialmente, pensou-se na elaboração de uma proposta de formação voltada aos públicos investigados, estudantes, pais/responsáveis e gestores escolares tendo como base o marco teórico sistematizado ao longo do estudo. No entanto, essa alternativa mostrou-se limitada em termos de efetividade, sobretudo quanto à sua capacidade de alcançar de maneira significativa os familiares dos estudantes, frequentemente ausentes de espaços formais de formação pela falta de disponibilidade.

Em um segundo momento, cogitou-se a produção de uma cartilha informativa, com o intuito de fomentar a ressignificação da Educação Física escolar. Apesar de sua simplicidade e possível viabilidade de distribuição, a proposta revelou-se pouco potente em termos pedagógicos e comunicacionais, especialmente diante da necessidade de construir um material que, de fato, despertasse interesse e promovesse envolvimento crítico por parte dos diversos sujeitos escolares.

A inspiração para a proposta surgiu de forma espontânea no contexto escolar. Durante um momento de planejamento, realizado na biblioteca da escola, observou-se a intensa movimentação dos estudantes na troca de materiais paradidáticos do projeto de leitura, incluindo a retirada voluntária de revistas em quadrinhos disponíveis no acervo da própria instituição. Na mesma tarde, na sala dos professores, foi surpreendente notar uma coordenadora escolar folheando um gibi. Ao ser questionada, respondeu que o fazia para relaxar, e detalhe, o material em questão era parte de um projeto escolar voltado ao combate ao trabalho infantil. Essa inspiração advinda do cotidiano despertou a formulação da ideia de construção de uma história em quadrinhos como artefato educacional.

A construção da história em quadrinhos tem como base a análise documental realizada para a constituição do marco teórico da pesquisa. Essa análise contemplou livros, artigos, monografias, dissertações e teses do contexto da Educação Física à brasileira que discutem as concepções sobre a função social da Educação Física na escola. A partir das análises, dos trabalhos dos autores Barroso, (2020); Bracht, (1999); Bracht e Almeida (2019); Darido, (2012a); Darido (2012b); Darido e Sanches Neto (2015); González (2020); Inácio e Tavares (2021); Machado *et al.* (2010), Matos (2015) e Vago (1996) foram definidas sete categorias principais de concepções: esportista; saúde, aptidão física e conhecimento sobre o

corpo; recreacionista; suporte para outros componentes; desenvolvimentista; punitiva, meritocrática e disciplinadora; e cultural e crítica. A narrativa construída busca apresentar essas diferentes visões, evidenciando por meio de interações e conflitos quais delas se alinham de maneira mais coerente à função social da escola no século XXI.

A narrativa do quadrinho foi também inspirada em uma situação-limite vivenciada no contexto escolar, adaptada com liberdade criativa para se tornar o fio condutor da trama. Os personagens foram elaborados com base em figuras importantes da minha trajetória pessoal, em forma de homenagem póstuma, em especial a minha mãe¹, Clevandira, carinhosamente chamada de Cléclé, cuja memória é homenageada com carinho por meio de uma das personagens centrais da história.

As falas dos personagens foram cuidadosamente elaboradas com base em três fontes complementares. A primeira refere-se às vivências do autor na escola, que forneceram situações e falas típicas do cotidiano escolar. A segunda baseia-se em uma revisão de literatura não sistemática sobre trabalhos empíricos que abordaram a percepção dos sujeitos escolares (gestores, pais, alunos, professores) sobre a Educação Física, tais como, Forte (2016), Hartmann *et al.* (2016), Marques e Krug (2008), Souza (2014), e Zuge e Antunes (2015). A terceira fonte foram os dados empíricos da própria pesquisa, especialmente as respostas aos questionários e entrevistas realizados com os sujeitos investigados. As categorias emergentes dessas respostas ofereceram novos elementos interpretativos que foram incorporados ao roteiro do quadrinho, agregando autenticidade e atualidade à construção dos diálogos e das concepções.

O roteiro foi construído de forma progressiva, iniciando com a narrativa e o esboço das páginas, seguido pelo planejamento dos painéis e, posteriormente, pela redação das falas dos personagens e da narração. O trabalho artístico e a ilustração das páginas foram executados pelo artista plástico Ronaldo Adriano Melquíades, conhecido no meio das histórias em quadrinhos como Ron Adrian, cuja atuação confere ao material qualidade visual e apelo estético para o público escolar.

Durante esse processo criativo, a análise das respostas obtidas na coleta de dados revelou falas e percepções que não haviam sido contempladas apenas na revisão teórica. Tais contribuições foram incorporadas à narrativa, permitindo que o produto final se tornasse uma

¹ O Falecimento da minha mãe se deu durante a construção desse trabalho o que deixa uma forte lembrança. Foram 21 dias de luta constante, minha do meu pai e das pessoas ao nosso redor, e principalmente dela em um leito de unidade intensiva, que no dia 24 de março, às 20h45 não resistiu e veio a falecer, e a construção não só desse artefato, mas de como todo esse trabalho perdeu o sentido.

síntese entre os referenciais acadêmicos e os discursos reais dos sujeitos escolares. Dessa forma, o artefato não apenas reflete as concepções sistematizadas na literatura, mas também integra elementos oriundos da realidade local investigada.

Embora o artefato educacional não venha a ser aplicado nem avaliado em termos de impacto dentro desta pesquisa, ele representa um desdobramento legítimo do processo investigativo, demonstrando potencial para futuras intervenções pedagógicas. Espera-se que, em pesquisas futuras, especialmente sob a abordagem da pesquisa-ação, seja possível verificar sua eficácia na promoção de reflexões e transformações no contexto escolar.

Em síntese, a história em quadrinhos concebida neste trabalho se propõe como uma ferramenta comunicativa, reflexiva e acessível, capaz de mobilizar a comunidade escolar em torno de um debate urgente e necessário: o papel social da Educação Física na escola. Ao romper com a linguagem formal acadêmica e dar voz a diferentes percepções por meio de personagens simbólicos e enredos críticos, o artefato visa contribuir para a valorização da Educação Física como componente curricular comprometido com a inclusão, a diversidade e a formação cidadã no contexto da escola contemporânea.

NARRATIVA

Na pequena comunidade no interior de Quixeré-CE, a Escola Municipal Esperançar era conhecida por sua rotina tranquila e seus costumes enraizados. A Educação Física, ali, era vista como um componente secundário, servia para “cansar os meninos” e dar uma folga dos conteúdos mais “importantes”. Mas tudo começou a mudar quando a professora Clevandira, ou simplesmente Cléclé, chegou com ideias diferentes e um brilho nos olhos.

Baixinha, de cabelo enrolado e com um sorriso acolhedor, Cléclé acreditava profundamente no poder transformador da Educação Física. Para ela, ensinar não era apenas desenvolver habilidades motoras ou aplicar jogos esportivos, mas fazer com que o corpo fosse também voz, cultura, identidade e resistência.

Desde que começou a lecionar naquela escola, Cléclé sentia um certo incômodo: apesar de seus esforços em propor aulas com danças populares, rodas de capoeira, esportes diversos, debates sobre o corpo na sociedade e injustiça sociais nesse contexto como: sexismo no esporte, preconceito sobre orientação sexual na dança, racismo no futebol, parte da comunidade escolar continuava a enxergar o componente com os mesmos olhos de sempre. Aquilo não a fazia desistir, pelo contrário, a instigava-a a agir.

Um dia, após uma aula sobre danças nordestinas, a aluna Jandira, ou Dira como era chamada pelos amigos, se aproximou da professora. Dira não gostava de esportes, era tímida, mas amava dançar. “Professora, é a primeira vez que me senti incluída numa aula de Educação Física”, disse ela com os olhos marejados.

No mesmo dia, Rogaciano, o Roga, correu pela quadra comemorando mais um golão no futebol. Era o tipo de aluno que se destacava nos esportes, mas via o componente como um espaço para mostrar sua força e agilidade nada além disso. “Educação Física é bola no pé, professora! Quem joga bem fica, quem não joga sobra”, disse ele com olhos vermelho. Cléclé percebeu que ele também precisava ser desafiado a enxergar o corpo para além do gol.

Decidida a ampliar as compreensões da comunidade escolar, Cléclé propôs ao diretor Seu Manel um projeto de conscientização sobre o papel da Educação Física na escola, envolvendo todos: alunos, pais, gestores, funcionários e professores de outros componentes. Com seu jeito metódico e conservador, Seu Manel inicialmente hesitou, mas cedeu dizendo “Desde que não atrapalhe os simulados de português e matemática...”.

Primeiramente Cléclé fez uma intervenção com os funcionários da escola, Dona Lourdes, professora de português, foi direta: “Educação Física boa é aquela que castigo, pra quem não faz o dever, não tem a diversão na quadra” Já Mocinha, a cozinheira da escola,

comentou na cozinha: “Essas aulas deviam ser pra queimar gordura e cuidar da saúde.”. Mundinho, o porteiro alto e magro, ouvindo a conversa com mocinha parou para refletir “Achei que era para aprender a jogar, mas já que não é, não sei o sentido...”.

Cléclé organizou também uma roda de conversa com os alunos. “O que é Educação Física para vocês?”, perguntou. As respostas foram muitas:

— “É jogar bola”, disse Roga.

— “É dançar!”, sorriu Dira.

— “É jogar e correr”, – “sobre Saúde” – “é algo divertido” disseram outros.

A professora, então, mostrou imagens, vídeos e trouxe elementos da cultura corporal: capoeira, jogos indígenas, ginásticas, brincadeiras regionais. “Tudo isso é nosso. É corpo, é movimento, é saber, é cultura e é elementos de transformação social.”

Os alunos ficaram em silêncio por alguns instantes após a explicação de Cléclé. Aquele jeito de falar da professora parecia diferente, dava outro peso à disciplina.

Dira foi a primeira a se manifestar, ainda emocionada com a aula de dança:

— Então... quer dizer que a Educação Física também ensina a gente a pensar sobre o corpo e sobre como vivemos em sociedade?

Cléclé acenou positivamente:

— Exatamente, Dira. Não é só movimentar o corpo, mas compreender que esse corpo faz parte da cultura, da identidade e da vida em comunidade.

Um dos meninos que raramente participava das partidas de futebol tomou coragem e disse:

— Professora, eu sempre achei que essa aula não era pra mim. Mas agora entendo que até quando eu aprendo uma brincadeira ou uma dança, isso também faz parte da Educação Física.

Roga, ainda inquieto, tentou argumentar:

— Mas, professora... se não tiver competição, como a gente vai saber quem é o melhor?

Com paciência, Cléclé respondeu:

— Nem sempre a escola precisa buscar “o melhor”. Na escola, buscamos que todos aprendam, participem e se reconheçam. Quando um colega fica de fora, a Educação Física perde seu sentido.

O comentário fez Roga se calar por alguns segundos. Então ele murmurou:

— É... nunca pensei assim. Talvez jogar junto seja mais importante do que ganhar sozinho.

Outro estudante completou:

— Eu achava que Educação Física era só pra cansar a gente e dar nota. Agora vejo que também fala de respeito, de igualdade e até de justiça.

Cléclé sorriu. Era esse movimento que ela esperava: que cada aluno percebesse que a disciplina tinha uma função social dentro da escola.

Com os estudantes já entendendo a função social da Educação Física, chegou a hora de fazer uma pesquisa com os pais, e os estudantes ajudariam a professora.

Foi então convocada uma reunião de pais para fazer a pesquisa, e nela Cléclé fez a mesma pergunta para os pais “O que é Educação Física para vocês?”.

Romeu, pai de Roga e militar aposentado, foi direto:

— “Educação Física tem que preparar o corpo. Disciplina. Saúde.”

Vó Bertina, avó de Dira, disse:

— “Lá no meu tempo era só polichinelo, mas tinha que fazer para ter a nota. Se fosse bem, ganhava a aula. Se fosse mal, perdia. Era assim...”

Outros pais falaram:

— “Educação Física é pra gastar energia, brincar e não atrapalhar as matérias sérias”.

Com esses dados Cléclé criou a feira do conhecimento da escola, onde o objetivo era fazer com que pais, professores, gestores, cozinheiro e porteiro mudassem sua concepção sobre a Educação Física.

Cléclé, junto com os estudantes, preparou um evento que mostraria à comunidade que a Educação Física ia muito além do que todos estavam acostumados a pensar. O pátio da escola se transformou em palco de danças, quadra de esportes adaptados e espaço de rodas de conversa.

Logo na entrada, uma apresentação de danças indígenas tomou conta do espaço. Dira, com firmeza e emoção, conduzia a coreografia, explicando que cada passo era também memória e resistência cultural. Vó Bertina, que antes dizia que a Educação Física era só castigo, se emocionou:

— Se eu tivesse tido uma aula assim, talvez tivesse gostado muito mais da escola. Esse corpo dançando conta histórias que ninguém me ensinou.

Mais à frente, Roga liderava uma demonstração de esportes inclusivos e adaptados. Ao lado de colegas que geralmente ficavam de fora dos jogos, ele mostrou como era possível modificar regras para que todos participassem. Romeu, seu pai, que sempre defendeu a disciplina rígida, ficou impressionado ao ver o filho incentivando os colegas a se incluírem no jogo:

— Nunca pensei que a Educação Física pudesse ensinar tanto sobre respeito. Hoje percebo que disciplina também é aprender a acolher.

No auditório, uma roda de conversa sobre sexismo no esporte começou com meninas relatando como já haviam sido desencorajadas a jogar futebol. Dona Lourdes, a professora de português que dizia que a disciplina servia apenas de castigo, parou para ouvir atenta. Uma aluna declarou:

— Quando dizem que menina não joga bola, estão nos tirando o direito de participar. A Educação Física é para todos.

Dona Lourdes respirou fundo e, pela primeira vez, admitiu:

— Acho que também já repeti isso sem pensar. Hoje entendo que as palavras que usamos podem excluir.

Em outro canto da feira, alunos apresentavam cartazes e debates sobre racismo no futebol. Um vídeo mostrava jogadores profissionais sendo ofendidos em estádios. Mundinho, o porteiro que antes não via sentido na disciplina, ficou sério:

— Se até dentro do esporte, que devia unir, existe preconceito... então ensinar respeito aqui na escola faz todo sentido. Esse movimento, sim, faz a diferença.

Havia também um espaço para discutir o mito do corpo perfeito, a anorexia e os riscos das pressões estéticas. Mocinha, a cozinheira, que dizia que a Educação Física servia só para “queimar gordura”, ouviu atentamente as falas dos estudantes. Uma menina comentou:

— Eu me sinto mal porque dizem que só quem é magra é bonita. Mas a Educação Física me ajudou a ver que meu corpo é forte e merece cuidado, não julgamento.

Mocinha enxugou os olhos:

— Sempre pensei que saúde era só emagrecer. Agora vejo que é aprender a gostar do corpo que a gente tem.

A cada apresentação, um pedaço da comunidade se transformava. Os olhares mudavam, os conceitos se alargavam, os preconceitos se desafiavam.

No encerramento, todos se reuniram novamente no pátio. Estudantes, pais, professores e funcionários deram as mãos em roda. Mundinho improvisou um verso:

— “Se antes correr era só obrigação,
Hoje o corpo é voz, é luta, é canção.
Na quadra, na dança, na roda a girar,
Esse movimento é pra nos transformar.”

Cléclé observava emocionada. Viu em Dira a confiança florescendo, em Roga a solidariedade surgindo, em Romeu o olhar orgulhoso e renovado, em Dona Lourdes a escuta sensível, em Mocinha o cuidado real com a saúde, em Mundinho a poesia que agora dava sentido à disciplina.

Seu Manel, o diretor conservador, aproximou-se discretamente e murmurou:

— Professora, acho que a Educação Física acabou de nos ensinar o que é educar de verdade.

Naquele momento, Cléclé compreendeu que seu esforço não havia sido em vão. A feira não mudara o mundo de uma vez, mas havia plantado sementes. A quadra agora pulsava vida, diversidade e consciência.

E assim, na Escola Municipal Esperançar, a Educação Física deixou de ser apenas um tempo de correr para se tornar tempo de pensar, sentir, dialogar e transformar.

Cléclé, sentada ao final no degrau da quadra, sorriu com lágrimas nos olhos. Sua missão estava clara: quando o corpo ganha voz, ele transforma a escola inteira.

ROTEIRO

Página 1

Quadro 1

- Cena: Vista mostra a escola simples, com o letreiro “Escola Municipal Esperançar”.
- **Narração:** “Em uma pequena cidade, a Escola Municipal Esperançar seguia sua rotina.”
- **Narração:** “Ali, a Educação Física era vista como secundária: servia para cansar os estudantes e dar uma folga das matérias consideradas mais importantes.”

Quadro 2

- Cena: Entrada da escola. Professora Clevandira (Cléclé) chegando, sorridente, de cabelo enrolado e com livros debaixo do braço.
- **Narração:** “Mas tudo começou a mudar quando a professora Cléclé chegou, com ideias diferentes e brilho nos olhos.”

Página 2

Quadro 1

- Cena: Cléclé na quadra, cercada de alunos. Alguns estão animados, outros desinteressados.
- **Narração:** “Para ela, o corpo era voz, cultura, identidade e resistência.”

Quadro 2

- Cena: Flash rápido de aulas que ela propôs: roda de capoeira, dança popular, roda de conversa sobre racismo no futebol.
- **Narração:** “Ela trazia danças, esportes diversos, debates sobre injustiças sociais, e mostrava que Educação Física era mais do que correr ou jogar bola.”

Quadro 3

- Cena: Alunos e professores observando com desconfiança.
- **Pensamento (Dona Lourdes):** “Será que isso é mesmo aula de Educação Física?”
- **Pensamento (Roga, aluno):** “Educação Física é bola no pé. Só isso!”

Página 3

Quadro 1

- Cena: Após aula de danças nordestinas, Cléclé com chapéu de cangaceiro e um livro com o nome “dança nordestina” Dira se aproxima da professora com timidez.
- **Dira:** “Professora, é a primeira vez que me senti incluída numa aula de Educação Física.”

Quadro 2

- Cena: Close no rosto emocionado de Cléclé, sorrindo para Dira.
- **Narração:** “Essas pequenas falas fortaleciam a certeza de que estava no caminho certo.”

Quadro 3

- Cena: Roga na quadra, chutando bola e comemorando o gol.
- **Roga:** “Educação Física é bola no pé, professora! Quem joga bem fica, quem não joga sobra.”

Quadro 4

- Cena: Cléclé observa Roga pensativa.
- **Pensamento (Cléclé):** “Ele também precisa entender que o corpo vai além da

competição.”

Página 4

Quadro 1

- Cena: Cléclé entrando na diretoria da escola.
- **Narração:** “Decidida a transformar a percepção da comunidade, Cléclé procurou o diretor.”

Quadro 2

- Cena: Cléclé em pé diante da mesa, gesticulando animada para seu Manel.
- **Cléclé:** “Seu Manel, quero propor um projeto de conscientização sobre o papel da Educação Física. Envolveríamos toda a comunidade escolar.”

Quadro 3

- Cena: Close em Seu Manel, coçando o queixo, olhar desconfiado.
- **Seu Manel:** “Desde que não atrapalhe os simulados de português e matemática...”

Quadro 4

- Cena: Cléclé sai sorridente da sala, decidida.
- **Pensamento (Cléclé):** “Vai ser difícil, mas esse é o caminho.”

Página 5

Quadro 1

- Cena: Sala dos professores. Dona Lourdes (português), braços cruzados, expressão dura e Cléclé do lado.
- **Cléclé:** “O que é Educação Física para você?”
- **Dona Lourdes:** “Educação Física é castigo. Quem não faz dever, não tem diversão na quadra.”

Quadro 2

- Cena: Cozinha da escola. Mocinha mexendo uma panela, rindo e Cléclé escrevendo num caderno.
- **Mocinha:** “Essas aulas deviam ser pra queimar gordura e cuidar da saúde.”

Quadro 3

- Cena: Entrada da escola. Mundinho, porteiro alto e magro, pensativo e Cléclé escrevendo num caderno.
- **Mundinho:** “Achei que era só pra aprender a jogar... mas já que não é, então qual é o sentido?”

Quadro 4

- Cena: Cléclé, de volta à sala, anotando tudo num caderno.
- **Pensamento (Cléclé):** “Eles repetem o que sempre ouviram. Preciso mostrar outras possibilidades.”

Página 6

Quadro 1

- Cena: Quadra da escola. Alunos sentados em roda no chão. Cléclé de pé no centro e vários alunos próximos.
- **Cléclé:** “O que é Educação Física para vocês?”
- **Balões sobrepostos:**
 - “É correr!”
 - “É saúde!”
 - “É diversão!”

Quadro 2

- Cena: Roga, empolgado, com a bola no colo.
- **Roga:** “É jogar bola!”

Quadro 3

- Cena: Dira sorrindo, mãos erguidas.
- **Dira:** “É dançar!”

Quadro 4

- Cena: Cléclé mostrando cartazes, imagens de capoeira, jogos indígenas, danças.
- **Cléclé:** “Tudo isso é nosso: corpo, movimento, cultura, identidade. Educação Física é transformação social.”

Página 7

Quadro 1

- Cena: Dira, com olhos marejados, fala.
- **Dira:** “Então... quer dizer que a Educação Física também ensina a pensar sobre como vivemos em sociedade?”

Quadro 2

- Cena: Cléclé, sorrindo e acenando.
- **Cléclé:** “Exatamente. Não é só movimentar o corpo, mas entender que esse corpo é cultura, é identidade, é refletir sobre o ambiente.”

Quadro 3

- Cena: Roga, ainda inquieto, falando meio desafiador.
- **Roga:** “Mas... se não tiver competição, como vamos saber quem é o melhor?”

Quadro 4

- Cena: Cléclé responde com calma.
- **Cléclé:** “Na escola, não buscamos ‘o melhor’. Queremos que todos participem e aprendam. Se alguém fica de fora, a Educação Física perde sentido.”

Página 8

Quadro 1

- Cena: Cartaz com o nome: Reunião de pais, pessoas na escola, e Cléclé em pé.
- **Narração:** “Foi feita uma reunião de pais, para entender o que eles pensavam.”
- **Cléclé:** “O que é Educação Física para vocês?”

Quadro 2

- Cena: Romeu (pai de Roga), rígido, falando firme.
- **Romeu:** “Educação Física tem que preparar o corpo... Disciplina... Saúde... jogar bem e ser atleta, o resto é bobagem.”

Quadro 3

- Cena: Vó Bertina (avó de Dira), lembrando do passado.
- **Vó Bertina:** “No meu tempo era só polichinelo. Se fosse bem, tirava nota boa.”

Quadro 4

- Cena: Cléclé anotando tudo, séria, mas confiante.
- **Pensamento (Cléclé):** “Vai ser difícil. Mas é assim que inicia a mudança.”

Página 9

Quadro 1

- Cena: Cléclé na sala, rodeada de cartazes, imagens e livros.
- **Narração:** “Com as respostas da comunidade, Cléclé decidiu agir. Seu plano consistia em fazer uma feira do conhecimento da Educação Física.”
- **Cléclé:** “Essa feira será o espaço para mostrar tudo que a Educação Física pode ser.”

Quadro 2

- Cena: Alunos colando cartazes coloridos sobre capoeira, dança, esportes inclusivos.

Quadro 3

- Cena: Dira ensaiando passos de dança com colegas.
- **Dira (pensamento):** “Dessa vez, quero mostrar quem eu sou.”

Quadro 4

- Cena: Roga ensinando colegas (principalmente meninas) a chutar devagar, adaptando o jogo.
- **Roga (pensamento):** “Será... todo mundo no mesmo jogo? Parece que vai dar certo.”
- **Aluna Figurante:** “Que legal!!! deve ser por isso que os meninos não deixavam a gente jogar.”

Página 10

Quadro 1

- Cena: Pátio decorado, famílias chegando, cartazes expostos.
- **Narração:** “O pátio da escola se transformou em palco de movimento, cultura e diálogo.”

Quadro 2

- Cena: Entrada da feira, alunos vestidos para danças indígenas, corpo pintado.
- **Cléclé (sorrindo):** “Sejam bem-vindos à nossa Feira do Conhecimento da Educação Física!

Página 11

Quadro 1

- Cena: Dira lidera apresentação de dança indígena, firme e emocionada.
- **Dira (falando ao público):** “Cada passo é memória e resistência cultural.”

Quadro 2

- Cena: Vó Bertina enxuga os olhos, emocionada.
- **Vó Bertina:** “Se eu tivesse tido uma aula assim... teria amado a escola.”

Página 12

Quadro 1

- Cena: Roga no meio da quadra, ajudando colegas em cadeira de rodas a jogar futebol adaptado e bastantes meninas.
- **Roga (gritando):** “Vem, passa a bola! Aqui todo mundo joga junto!”

Quadro 2

- Cena: Romeu, o pai, com expressão surpresa e emocionada.
- **Romeu (pensando):** “Nunca pensei que a Educação Física fosse isso, realmente não é só para os aptos e melhores... nunca é tarde para aprender...”

Página 13

Quadro 1

- Cena: Auditório cheio. Meninas no microfone.
- **Aluna Figurante:** “Quando dizem que menina não joga bola, estão nos tirando o direito de participar.”

Quadro 2

- Cena: Dona Lourdes, antes rígida, abaixa a cabeça reflexiva.
- **Dona Lourdes:** “Eu mesma já falei isso sem pensar... Mas hoje entendo o peso dessas palavras”.

Página 14

Quadro 1

- Cena: Estudantes mostrando cartazes com frases contra o racismo e um vídeo de jogadores sendo ofendidos.
- **Aluno Figurante:** “Até dentro do esporte, que devia unir, ainda existe preconceito somente por conta da cor da pele.”

Quadro 2

- Cena: Mundinho, o porteiro, sério e pensativo.
- **Mundinho (pensando):** “Então ensinar refletindo sobre as justiça sociais na Educação Física faz todo sentido, realmente esse componente tem muito potencial dentro da escola, é de fato um movimento que transforma”.

Página 15

Quadro 1

- Cena: Alunos apresentando cartazes sobre o mito do corpo perfeito, riscos de dietas extremas.
- **Aluna figurante:** “A Educação Física me ajudou a ver que meu corpo merece cuidado, não julgamento.”

Quadro 2

- Cena: Mocinha, a cozinheira, emocionada.
- **Mocinha:** “Sempre pensei que saúde era só emagrecer. Agora vejo que é aprender a gostar do corpo que a gente tem.”

Página 16

Quadro 1

- Cena: Pátio novamente. Todos — alunos, pais, professores, funcionários — de mãos dadas em roda.
- **Narração:** “A cada apresentação, a comunidade se transformava.”

Quadro 2

- Cena: Mundinho improvisa um verso, braços erguidos.
- **Mundinho:** “Se antes correr era só obrigação, hoje o corpo é voz, é luta, é canção.”

Quadro 3

- Cena: Cléclé olhando ao redor, lágrimas nos olhos, observando as mudanças em cada personagem.
- **Narração:** “Dira florescia na confiança. Roga descobria solidariedade. Romeu via disciplina com outros olhos. Lourdes aprendia a escutar. Mocinha ressignificava saúde. Mundinho fazia poesia.”

Página 17

Quadro 1

- Cena: Seu Manel, discretamente ao lado de Cléclé.

- **Seu Manel (murmurando):** “Professora... acho que a Educação Física acabou de nos ensinar o que é educar de verdade.”

Quadro 2

- **Cena final:** Cléclé sentada na arquibancada da quadra, sorriso emocionado, alunos brincando ao fundo.
- **Narração:** “Na Escola Municipal Esperançar, a Educação Física deixou de ser apenas correr. Tornou-se tempo de pensar, sentir, refletir, dialogar e transformar.”

QUADRINHO

Link para o quadrinho limpo:

<https://drive.google.com/file/d/1gawAI8zKqlX6ys0mxkpwwcUIwSpttjnR/view?usp=sharing>

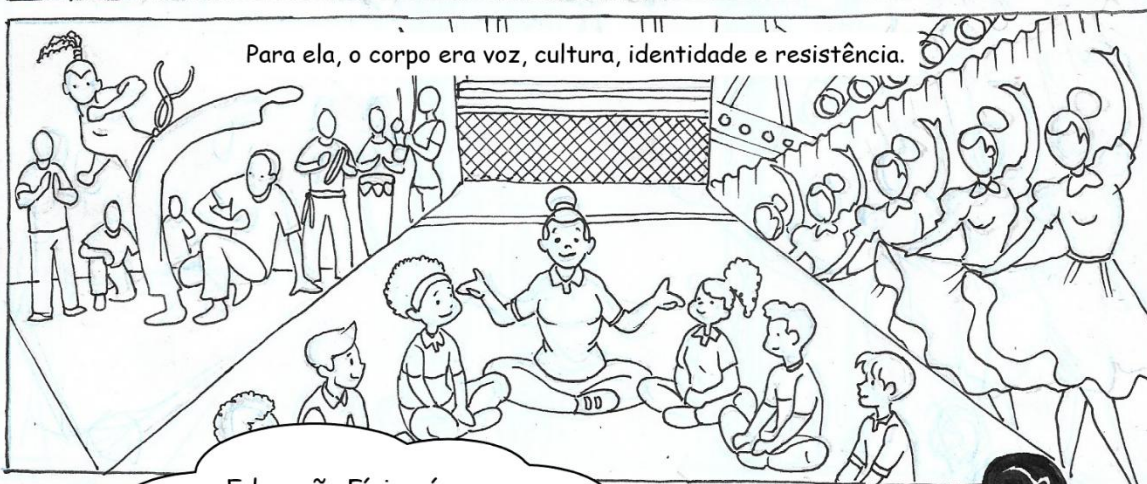
Capa

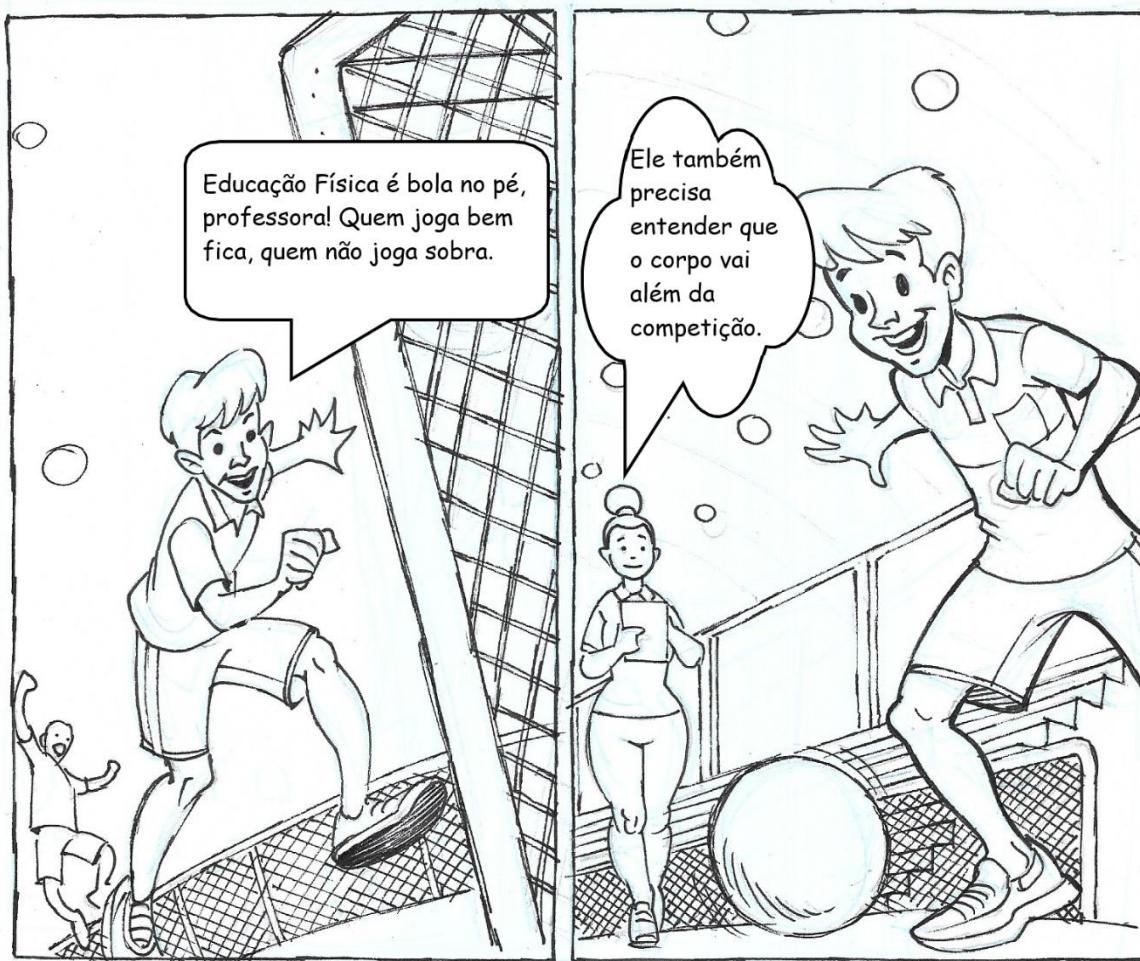


Personagens

		
Professora Clécé	Aluna Dira	Aluno Roga
		
Seu Manel - Diretor	Dona Mocinha - Cozinheira	Seu Mundinho - Porteiro
		
Dona Lourdes - Professora	Bertina - Vó de Dira	Romeu - Pai de Roga















Foi feita uma reunião de pais, para entender o que eles pensavam.

O que é Educação Física para vocês?

No meu tempo era só polichinelo. Se fosse bem, tirava nota boa.

Educação Física tem que preparar o corpo... disciplina... saúde... jogar bem e ser atleta... o resto é bobagem.

Vai ser difícil. Mas é assim que inicia a mudança.





44

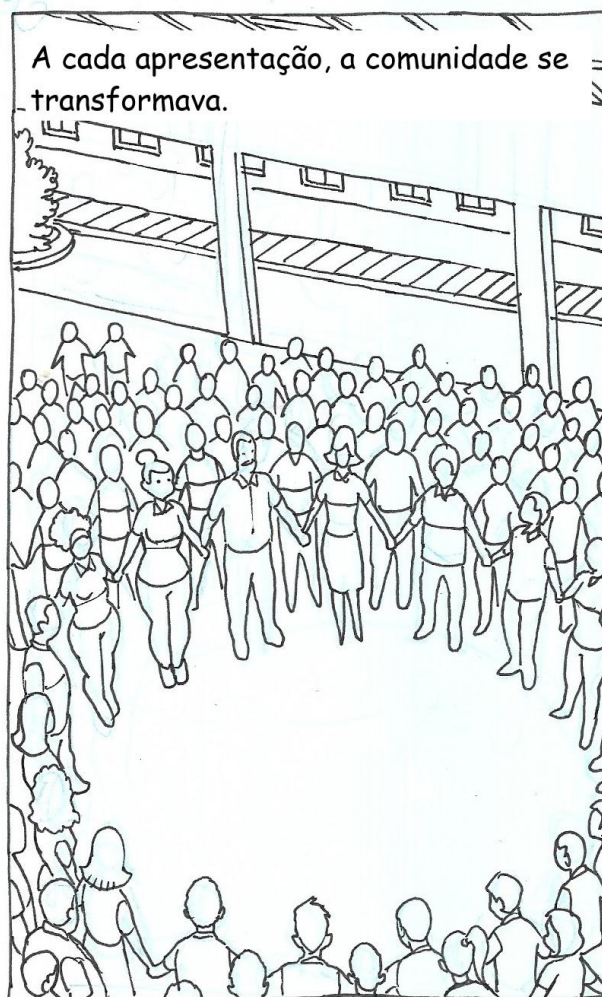


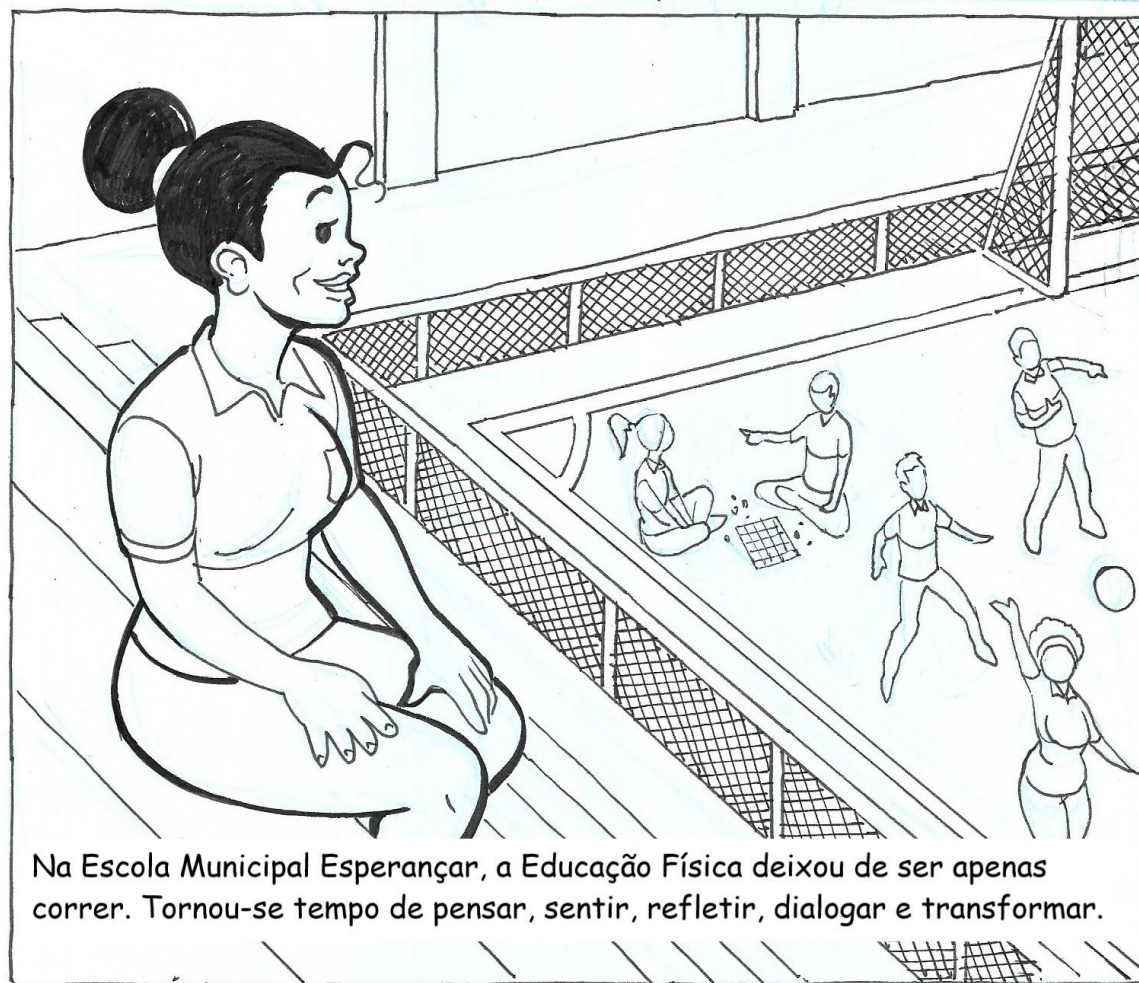












REFERÊNCIAS

- BARROSO, André Luís Ruggiero; Inquietações no tratamento do esporte na Educação Física escolar in: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula. **Desafios da educação física escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF** [recurso eletrônico] São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. P. (83) – (105).
- BRACHT, Valter. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**, [S. l.], v. 6, n. 12, p. XIV-XXIV, 2000. DOI: 10.22456/1982-8918.2504. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2504>. Acesso em: 27 maio. 2025.
- BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão. Pedagogia crítica da educação física: dilemas e desafios na atualidade. **Movimento**, [S. l.], v. 25, p. e25068, 2019. DOI: 10.22456/1982-8918.96196. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/96196>. Acesso em: 27 maio. 2025.
- DARIDO, Suraya Cristina. Diferentes concepções sobre o papel da educação física na escola referência. In: Universidade Estadual Paulista. **Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 34-50, v. 16. 2012a. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41548/1/01d19t02.pdf> Acesso em: 1 Jun. 2024.
- DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física na escola: Realidade, Aspectos Legais e Possibilidades. In: Universidade Estadual Paulista. **Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 21-33, v. 16. 2012b. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41547/4/01d19t01.pdf> Acesso em: 1 Jun. 2024.
- DARIDO, Suraya Cristina; SANCHES NETO, Luiz. Contexto da Educação Física na escola. In: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. (Coord.). **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015. P (01) – (24)
- FORTE, Felipe Amorim. **A Educação Física no ensino fundamental I: um olhar dos gestores da educação básica – Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física)** Universidade Federal do Ceará (UFC) Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES), Campus Pici, Fortaleza-CE, 2016.
- GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica in: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula. **Desafios da educação física escolar : temáticas da formação em serviço no ProEF** [recurso eletrônico] São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. P. (130) – (148).
- HARTMANN, Daiana; ROSA, Régis Garcia Da; BONAZZA, Caroline Ceretta; ROSSKOPP, Juliana Aparecida Da Rosa; NAGEL, Payla Andielia Hernandez; FÜHR, Daize Pamila. Perspectiva para o ensino da Educação Física escolar: como fazer aquilo que dizemos que é preciso fazer? In: **Anais do 24º Seminário de Iniciação Científica. 21º Jornada de Pesquisa. 17º Jornada de Extensão. 6º Seminário de Inovação e Tecnologia. 6º Mostra de Iniciação Científica Júnior, Ijuí, Santa Rosa, Panambi e Três Passos, Ijuí :**

Ed. UNIJUI., 2016. Disponível

em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/6942/5709>. Acesso em: 19 jul. 2025.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus; TAVARES, Giselle Helena. É possível pensar em lazer no tempo presente?: reflexões sobre o lazer e as condições de vida. In: VAGO, Tarciso Moura; LARA, Larissa Michelle; MOLINA NETO, Vicente. (org). **Educação física e ciências do esporte no tempo presente**: desmonte dos processos democráticos, desvalorização da ciência, da educação e ações em defesa da vida [online]. Maringá: EDUEM, 2021, pp. 251-269. ISBN: 978-65-86383-82-9. <https://doi.org/10.7476/9786586383829.0012>. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/nfxby/pdf/vago-9786586383829-12.pdf>. Acesso em: 27 Maio 2025

MACHADO, Thiago da Silva; BRACHT, Valter; FARIA, Bruno de Almeida; MORAES, Claudia; ALMEIDA, Ueberson; ALMEIDA, Felipe Quintão As práticas de desinvestimento pedagógico na educação física escolar. **Movimento**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 129–147, 2009. DOI: 10.22456/1982-8918.10495. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/10495> . Acesso em: 12 Jan. 2025.

MARQUES, Marta Nascimento; KRUG, Marília de Rosso. Educação física escolar: expectativas, importância e objetivos. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires - Ano 13 - Nº 122 - Julho de 2008. Disponível em: <https://efdeportes.com/efd122/educacao-fisica-escolar-expectativas-importancia-e-objetivos.htm> Acesso em: 28 Mai. 2024.

MATOS, Marcelo da Cunha. Os sentidos de Educação Física na escola e seus impactos na formação do professor. **e-Mosaicos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 41–52, 2016. DOI: 10.12957/e-mosaicos.2016.24818. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/e-mosaicos/article/view/24818>. Acesso em: 27 maio. 2025.

SOUZA, Gabriel Westrup. A Educação Física Escolar: visão dos pais/responsáveis da escola Augusto Mondardo de Nova Veneza, SC. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, Año 19, Nº 191, Abril de 2014. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd191/a-educacao-fisica-escolar-visao-dos-pais.htm> Acesso em: 28 Mai. 2024.

VAGO, Tarciso Mouro. O "esporte na escola" e o "esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente - um diálogo com Valter Bracht. **Movimento**, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 4–17, 1996. DOI: 10.22456/1982-8918.2228. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2228>. Acesso em: 27 maio. 2025.

ZUGE, Roberta Aliani; ANTUNES, Fabiana Ritter. A visão dos pais sobre a Educação Física nos anos finais do ensino fundamental. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, Ano 20, Nº 207, Agosto de 2015. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd207/a-visao-dos-pais-sobre-a-educacao-fisica.htm#google_vignette Acesso em: 28 Maio 2024.